

ESTHER: A CORTESÃ, A POLACA E A MATRIZ BÍBLICA DA MULHER
SEDUTORA

ESTHER: THE COURTESAN, THE POLISH AND THE BIBLICAL MATRIX OF
THE SEDUCTIVE WOMAN

Lucius de Mello¹

RESUMO

O que a rainha hebreia Esther tem em comum com as cortesãs literárias também de origem judaica Esther Markowitz e Esther van Gobseck, protagonistas dos romances de Balzac e Scliar? Este artigo busca contribuir com as pesquisas que se ocupam da fabulação literária da cortesã na literatura, especialmente na narrativa bíblica e nos romances que abordaram o tema em épocas distintas, como *Esplendores e misérias das cortesãs*, do escritor francês, cristão e católico, Honoré de Balzac, e *O ciclo das águas*, do ficcionista judeu Moacyr Scliar.

Palavras-chave: Esther, cortesã, romance, bíblia, Balzac, transgressão

ABSTRACT

What does the hebrew Queen Esther have in common with jewish literary courtesans: Esther Markowitz and Esther van Gobseck – protagonists in the novels of Balzac and Scliar? This article seeks to contribute to the research that deals with the courtesan's literary fabler. Especially in the biblical narrative and in the novels that approached this theme in different times as “Splendors and

¹ Doutorando em Literatura pelo Departamento de Letras Modernas (Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês-USP), Mestre em Literatura e Cultura Judaicas (USP), Graduado em Comunicação Social - Jornalismo (UFPR). Contato: luciusdemello@uol.com.br.

miseries of the courtesans” by the French, christian and catholic author Honoré de Balzac. And “The cycle of waters” by the jewish fictionist Moacyr Scliar.

Keywords: Esther, courtesan, novel, bible, Balzac, transgression

Ela é a guardiã do limiar. É ela que guarda a passagem entre a cidade diurna e a noturna, entre o alto e o baixo.

(Walter Benjamin)

A rainha do povo judeu, a cortesã balzaquiana e a polaca de Scliar. Esther Markowitz, Esther Van Gobseck e Esther, a soberana do reino de Assuero. Três mulheres judaicas que usaram o corpo e a beleza para transgredir e conquistar poder. O que essas personagens de narrativas e de épocas tão distintas têm em comum? Como elas se aproximam e se distanciam sob à luz da análise literária? Este artigo pretende contribuir para os estudos que buscam promover e investigar o reencontro entre o *grand roman* francês da fase realista com o romance moderno, e ainda com o seu ancestral mais longínquo: a narrativa bíblica.

O valor da Bíblia Hebraica como obra literária é incontestado. Vários críticos e pesquisadores já se aventuraram nas raízes do escrever para investigar e entender os livros que compõem o Cânone Sagrado. Segundo Robert Alter,

[...] embora a narrativa bíblica geralmente se cale nos pontos em que as modalidades posteriores de ficção viriam a ser loquazes, seu silêncio é seletivo e intencional: vale para personagens diferentes ou para os mesmos personagens em momentos especiais da narração, ou para certos aspectos dos

seus modos de pensar, sentir e se comportar. (ALTER, 2007, p.175)

No mesmo ensaio, Alter cita Eric Auerbach:

[...] é bem verdade que os acontecimentos delineados de modo rarefeito no primeiro plano da narrativa bíblica supõem, de certa maneira, um vasto segundo plano de densas possibilidades de interpretação, mas a questão crítica é justamente o modo específico como se constrói essa certa maneira. (ALTER, 2007, p.175)

Cabe também ao pesquisador seguir a trilha dos midrashistas e se lançar ao incansável garimpo das entrelinhas, das subjetividades caladas presentes na complexa e polifônica narrativa bíblica para investigar como os silêncios situados no drama da rainha Esther se conectam aos silêncios da heroína de Balzac e da protagonista de Moacyr Sclair.

Lampejos do mundo profano tão presentes no espaço ocupado pelas cortesãs por muitos séculos afastaram a história da rainha Esther do cânone sagrado. Martinho Lutero desejou que a narrativa da rainha do povo judeu não existisse em virtude daquilo que considerou como “indiscrições pagãs” (McClarty, 1989, p.10). Segundo a pesquisadora Wilma McClarty, da Universidade de Montana, “antigos estudiosos judeus questionavam se a leitura do livro de Esther não seria capaz de contaminar as mãos!” (McClarty, 1989, p.10).

Uma história sagrada marginalizada como a vida das cortesãs. Até hoje, o direito do livro de Esther ocupar um lugar na Bíblia tem sido contestado. O nome de Deus não aparece nenhuma vez na narrativa ao passo que o nome de um rei pagão é mencionado mais de 150 vezes. Não há alusão à oração nem a algum tipo de serviço espiritual, com exceção do jejum. O texto é recheado de festas coloridas, regadas a vinho, que remetem o leitor atento às festas profanas como o carnaval. Nas entrelinhas da narrativa é possível

concluir que Esther também dormiu várias vezes com o rei Assuero antes do casamento – um ato pagão que, segundo a Bíblia, contraria as regras e os desejos divinos.

O jogo da sedução feminina para conspirar e conquistar poder, assim como a mentira, também conecta a história da Esther bíblica ao *demimonde*. Ela esconde seu verdadeiro nome, Hadassá, e usa um *nome de guerra* para ocultar sua real identidade – uma prática muito comum às mulheres que mercantilizam o sexo: “Ele criou Hadassá – que era Esther – filha de seu tio, a qual não tinha nem pai nem mãe; e a moça era bela, de porte formoso e boa aparência” (Est.2, 7).

Mas também há no livro de Esther a alusão à castração sexual e à negação do sexo, sobretudo quando nos deparamos com personagens como os sete eunucos, que nos permite relacionar a narrativa de Esther ao conto de fadas *Branca de Neve e os sete anões*. Assim como os anões da história dos irmãos Grimm ajudam Branca de Neve a se casar com o príncipe, os eunucos também colaboram para o casamento de Esther com o rei Assuero, já que são eles que convencem o monarca a punir a rainha Vashti, trocando-a por uma nova esposa, no caso, Esther.

Pérsia. Paris. Buenos Aires e Porto Alegre. Cidades milenares e metrópoles em tempos distintos que serviram de endereço e refúgio para três mulheres judaicas sedutoras que usaram o próprio corpo e beleza para conspirar e conquistar poder e dinheiro. Hadassá, que ficou famosa com o codinome Esther, quebrou paradigmas e regras sagradas para salvar o seu povo; Esther Markowitz, de *O Ciclo da Água*, e Esther van Gobseck, de *Esplendores e Misérias das Cortesãs*, são duas típicas cortesãs que viveram entre 1838 e 1930. Como ocorre a fabulação literária em torno dessas polêmicas e transgressoras personagens femininas?

No jogo desafiador da intertextualidade a construção da protagonista judaica do autor judeu Moacyr Scliar diferencia-se da cortesã também judaica criada pelo autor não judeu Honoré de Balzac. E é claramente visível como a

formação política, cultural e religiosa de cada escritor influencia a elaboração das personagens.

Ao aproximamos a Esther de Scliar e a Esther de Balzac são notórias as diferenças entre as mulheres elaboradas pelo autor judeu e pelo autor cristão/católico. Segundo François Taillandier, biógrafo do escritor francês:

Como ocorre a cada vez que Balzac faz o papel de pensador, ficamos céticos. A religião? O Balzac hedonista e telúrico não faz de modo algum estilo de uma alma piedosa. É verdade que é fascinado pelo espiritismo e pelo ocultismo, mas tudo isso, justamente, não tem nada de muito católico. O que parece suscitar o interesse de Balzac pela Igreja é, acima de tudo, que ela contribui para estruturar e para pacificar a sociedade. (TAILLANDIER, 2009, p.94)

Honoré de Balzac (1799-1850) é reconhecido como um dos maiores ficcionistas da França e do mundo. Considerado o pai do realismo, ele teve como grande objetivo representar a sociedade francesa por meio da história dos costumes. Focado principalmente na vida privada, área, segundo ele, “deixada de lado pelos historiadores da época”, Balzac construiu o seu projeto narrativo como um grande e, até então, inédito sistema literário intitulado *A Comédia Humana*. Uma *obra-mundo*, como denomina o crítico francês Ronan Prigent no texto da orelha do livro *Balzac, a obra-mundo*, Colóquio de São Paulo que reuniu ensaios de vários autores a respeito de Balzac, publicado em 1999, pela editora Estação Liberdade.

Na sua edição francesa mais recente toda *A Comédia Humana* é composta por mais de onze mil páginas distribuídas em 88 obras. Cada romance representa uma parte da engrenagem da sociedade, por isso, as personagens vão e voltam, transitam de romance para o outro e as obras dialogam entre elas. *Esplendores e misérias das cortesãs* é um desses romances e está dividido em 4 partes: *Como amam as cortesãs*, *Por quanto o*

amor fica aos velhos, Aonde os maus caminhos vão dar e A última encarnação de Vautrin.

Breves considerações sobre *Esplendores e Misérias das Cortesãs*

Balzac recorre à imagem preconceituosa que o judeu tinha na França no século XIX para descrever o personagem Gobseck, um agiota judeu holandês, tio de Esther. Como bem destacou Stephan Zweig, num ensaio sobre Balzac:

[...] abrir, em cada destino, o abismo ameaçador, ao pé da montanha ou no fundo do vale, onde se desencadeia a tempestade da paixão, precipitar essas forças de alto a baixo [...] e assim, fazendo fitar com olhar inflamado e fascinado esse jogo cambiante, como Gobseck, o usuário, fita os diamantes da condessa Restaud. (ZWEIG, 1960, p. 249)

O narrador, na maior parte do tempo, faz questão de marcar a origem e a raça de Esther: “Cintilava a pele da judia” (BALZAC, 2015, p.259). Ainda no romance *Esplendores e Misérias das Cortesãs*, Balzac dá à cortesã Esther o apelido belicoso de *Torpedo*. Na obra balzaquiana, o espaço do bordel e da cidade transcendem Paris, como no caso das serviçais Europa e Ásia, assim apresentadas por Carlos Herrera, o *abade*, que deveriam zelar pelo bem-estar de Esther. Essa designação remete à teoria antissemita que defende a ideia de que os judeus querem controlar o mundo. Os nomes das empregadas de Esther, vale lembrar, também fazem alusão aos continentes vizinhos ao Oriente Médio e, especialmente, a Jerusalém, cidade símbolo do povo judeu e ao mais recente estado de Israel. Assim como Jerusalém e Israel, a cortesã judia Esther Van Gobseck vive da mesma forma sob o olhar preocupado de Europa e Ásia. Segundo o narrador do romance, as duas serviçais deveriam vigiar Esther implacavelmente: “Foi necessário mais de um ano de constantes cuidados para ela se habituar as duas terríveis criaturas que o padre chamava de os dois cães de guarda”. (BALZAC, 2015, p.101)

No artigo *La Belle Juive dans La Comédie Humaine d'Honoré de Balzac: Ambivalences d'une représentation* (2012), a pesquisadora Ewa Maczka, da Universidade de Lyon, investiga a presença de personagens femininas judaicas na literatura francesa do século XIX, especialmente na obra balzaquiana. Segundo ela, Balzac integra personagens judeus em seu ousado projeto literário num momento importante da história judaica em França. *A Comédia Humana* abrange o período de 1789 a 1848, anos de reconhecimento da cidadania dos judeus (1790-1791), a sua assimilação, integração e a sua mobilidade social.

Em sua pesquisa, Ewa Maczka contabilizou nove heroínas judias na obra *A Comédia Humana*. A mais importante delas é Ester Van Gobsek, a Torpedo, uma prostituta que, ao conhecer o poeta Lucien de Rubempré no teatro, apaixonou-se por ele e é redimida por esse amor. O narrador explica: “Apenas com dezoito anos, já essa pequena tinha conhecido a máxima opulência, a mais baixa miséria, os homens de toda a roda” (BALZAC, 2015, p.44).

Esther é filha de mãe judia, a também famosa cortesã Sarah Van Gobseck, conhecida como *a bela holandesa*, que depois de falir o amante, morre assassinada por um capitão. A protagonista balzaquiana também é sobrinha do agiota judeu Jean-Esther Van Gobseck. Ela aparece já em *Goseck* – novela que também faz parte de *A Comédia Humana* e que leva o nome do seu tio –, onde já dá os primeiros passos no mundo da prostituição aos dezesseis anos. No começo do romance *Esplendores e Misérias das Cortesãs*, narrado em terceira pessoa, Esther é reconhecida em um baile de máscaras por um grupo de jornalistas. A jovem, que estava acompanhando o poeta Lucien de Rubempré, corre para casa e tenta o suicídio pela primeira vez. Salva pelo falso abade Carlos Herrera, ela lhe conta que, quando conheceu o poeta, era prostituta em uma *Maison de tolérance*, local destinado à prostituição regulamentada, conforme definição de Alain Corbin (p.87, 2010).

Esther não sabe que Herrera é um falso abade. Ele faz de tudo para mantê-la afastada de Lucien. Primeiro, convence a prostituta judia a se

converter ao catolicismo, ser batizada e educada na Igreja Católica. Mas deixa claro que para a Igreja ela nunca deixará de ser uma cortesã:

Minha filha eu tentei dar você ao céu; mas a cortesã arrependida há de ser sempre uma mistificação para a Igreja; se alguma aparecesse, havia de voltar a ser cortesã no paraíso. [...] Você foi cortesã, é cortesã e será sempre cortesã; pois, apesar das sedutoras teorias dos criadores de gado, ninguém pode vir a ser neste mundo senão aquilo para que nasceu. (BALZAC, 2015, p.100 -101)

Esther sente vergonha da sua condição e resolve deixar a vida de prostituição, escondendo de Lucien a sua verdadeira história. Desejosa de viver honestamente para se sentir digna desse amor e mantê-lo ao seu lado, ela se muda para um quatinho miserável. Esther, então, passa a trabalhar confeccionando camisas por alguns trocados e deixa a vida de prostituição para ser amante de Lucien, mas é atormentada o tempo todo pelo passado.

Para ajudar o grande amor Lucien, Esther torna-se amante do rico Barão de Nucingen. O velho endinheirado, porém, queixa-se de que não quer ser apenas um pai para ela nem que isso lhe custe toda a sua fortuna. Esther, apesar de muito infeliz, responde ao seu protetor ressaltando a sua posição na sociedade e o seu dever de não tratar mal a quem a sustenta, conforme podemos observar no trecho a seguir:

Nunca senti tanto a vileza da minha condição como no dia em que lhe fui entregue. O senhor pagou, eu pertencço-lhe. Não há nada tão sagrado como as dívidas de desonra. Não tenho o direito de liquidar atirando-me ao Sena. [...] Uma mulher honesta tem probabilidades de se levantar de uma queda; mas, quanto a nós, a nossa queda é desastrosa demais. [...] Sua serva, Esther. (BALZAC, 1990, p.187)

Esther sabe que precisa continuar vivendo com o barão em troca de dinheiro, nem que fosse somente para garantir o futuro de Lucien. O narrador ainda destaca que, sempre que Nucingen ameaçava abandoná-la, ela o conquistava com uma cena de ternura, de forma a conduzir essa relação comercial até o ponto em que é obrigada a se entregar depois do casamento de princesa.

Às cinco horas da tarde, Esther fez a toilette de noiva. Pôs seu vestido de renda por cima de uma saia de cetim branco, um cinto branco, calçou sapatos de cetim branco e lançou sobre suas belas espáduas uma echarpe em ponto de Inglaterra. Adornou o cabelo com camélias brancas naturais, imitando um penteado de donzela. Ostentava sobre o peito um colar de pérolas de trinta mil francos, dado por Nucingen. (BALZAC, 2015, p.352)

Dias depois, o Barão de Nuciguen voltou à casa da cortesã e foi surpreendido pela cena trágica:

Da porta do quarto viu Esther inteiriçada sobre o leito, roxa do veneno, morta!...Correu para o leito e caiu de joelhos.

– Tens razão, ela pem me havia tito. Ela morreu por minia causa. (BALZAC, 2015, p.356)

Como uma típica heroína romântica, a cortesã Esther se mata por amor e morre sem saber que seu tio, o rico agiota judeu Gobseck, tinha lhe deixado uma herança avaliada em sete milhões de francos.

Nesse romance e em outras obras de *A Comédia Humana*, o papel comercial da cortesã é reforçado. Florine, Coralie, a Senhora do Val Noble, entre outras, são *demi-mondaines* que passam por situações parecidas com a

de Esther, já que vendem seus corpos em troca de dinheiro. Essas mulheres oscilam o tempo todo entre a pobreza e a riqueza e são constantemente vistas como viciosas, em oposição às mulheres virtuosas; impuras, em relação ao amor casto e puro das jovens consideradas de família. Por isso mesmo tratar desse tema tão polêmico naquela época tornava-se um problema para o autor. Tanto o é que no romance *A Dama das Camélias*, o narrador passa um bom tempo justificando o fato de ter uma cortesã como protagonista. Ele aponta que, ao ler a história de Marguerite Gautier, as jovens castas e puras terão a oportunidade de conhecer os riscos de entrar nesse mundo vicioso. Já o narrador balzaquiano não emite esse tipo de juízo de valor, embora nas falas das personagens, sobretudo nas de Esther, essa oposição esteja bem evidente.

É importante destacar que no quesito reinvencão das mulhres decaídas, ao dar vida à personagem Esther Van Gobseck, Balzac foi precursor de um novo modelo literário da cortesã. A partir de Balzac a cortesã até então romântica, que nos remete ao mito da prostituta redimida pelo amor, imortalizada na imagem de Marguerite Gautier, perde espaço para uma mulher mais complexa e realista. É o caso da Esther criada por Moacyr Scliar (1937-2011), médico e escritor judeu brasileiro contemporâneo.

Breves considerações sobre o romance *O ciclo das águas*, de Moacyr Scliar

No romance *O ciclo das águas*, publicado em 1975, Moacyr Scliar narra-nos a história de Esther Markowitz, uma polaca, nome dado às mulheres que eram traficadas da Polônia para trabalhar como prostitutas no Brasil e na Argentina. Ao retratar a trajetória de Esther, Scliar, nas entrelinhas, revela-nos o drama de centenas de imigrantes judias que atravessaram o Atlântico em busca de melhores condições de vida, sonhos e liberdade. Enganadas,

acabavam vítimas do impiedoso tráfico de escravas brancas e eram forçadas a trabalhar para o criminoso mercado da prostituição.

Uma dessas mulheres foi atendida por Moacyr Scliar no Lar dos Velhos da Comunidade Israelita de Porto Alegre quando ele ainda era recém-formado em medicina. A ex-prostituta, então, com 80 anos deixou o jovem médico fascinado pelas suas histórias e o inspirou a criar Esther, protagonista de *O ciclo das águas*.

No romance, Esther é uma jovem camponesa, filha de um *mohel* da Polônia e que se casa com Mêndele, seu amor de infância, para vir morar na América. Durante a viagem de núpcias, Mêndele falece e Esther fica à mercê das pessoas do navio e dos amigos do marido que os recepcionariam assim que chegassem.

Antes de desembarcar em terras brasileiras, passou por Paris e Marselha, cidades onde foi iniciada no ofício da prostituição. Quando chega a Porto Alegre, Esther é recebida por Leiser, amigo e sócio de Mêndele. A jovem, então, é levada para uma grande casa chamada Casa dos Prazeres. Com o tempo, Esther ganha fama de melhor prostituta do lugar e se envolve com Rafael, um rapaz judeu cliente do bordel. Apaixona-se por ele, fica grávida e, para não ser obrigada a abortar o bebê, foge do prostíbulo.

Esther leva a gravidez até o fim e torna-se mãe de Marcos. Pouco depois, consegue apoio financeiro de um antigo cliente e abre o próprio bordel. Para exercer a profissão de prostituta e, agora, de cafetina, a polaca deixa o filho com Morena, uma velha conhecida. Esther, então, enriquece e consegue dar ao herdeiro uma vida digna: compra um apartamento de alto padrão no centro de Porto Alegre para Marcos viver longe do seu negócio. Marcos, posteriormente, ingressa na faculdade de História Natural. Na formatura do filho, Esther, mesmo orgulhosa e feliz, não consegue chegar a tempo da solenidade porque as autoridades haviam fechado o bordel. Enquanto Esther tenta reerguer a casa, Marcos começa a dar aulas em uma faculdade e

conhece a psicóloga Elisa com quem se casa e tem dois filhos. Esther acaba seus dias pobre, enlouquecendo num asilo.

Segundo Berta Waldman, o romance de Scliar é construído

Recortado por uma pluralidade de vozes que soam em terceira (Esther) e primeira pessoa (Marcos), os capítulos unem-se por contiguidade, rastreando uma palavra ou fase do final de uma parte para o início da outra aglutinando no novo contexto outro sentido, enquanto a ação se direciona para outro lugar. Apoiados esses deslocamentos em distâncias narrativas e pontos de vistas diversos, o que imprime à narração entrecortada uma trajetória de arabescos, resulta a construção num intrincado painel feito de implicações formais, só apreendido quando se segue cada um dos rastros. (WALDMAN, 2003, p.182)

Ainda segundo Waldman, o ciclo das águas é também o fluxo da linguagem, lugar onde se vive e se morre, onde ficção e mito se alimentam de detritos e, autofagicamente, de si próprios. Daí a importância dos parênteses, destaca a pesquisadora. Os parênteses marcam, talvez, essa obra metalinguística que vinca a narrativa em espelho, delimitando a presença de outro registro que corre em paralelo. Vejamos essa passagem da escrita de (Marcos), que perde os parênteses quando mergulha nas águas do que é contado:

Sobre riachos falo aos alunos, mas sobre a Pequena Sereia, não: as águas que ela habita são outras. À noite, após a aula, volto para casa e tiro da gaveta a pasta azul. Folheio o que escrevi; sob meus olhos fatigados a Pequena Sereia adquire vida; descrita em má prosa, ela evolui em águas límpidas. Graciosa criatura! (SCLIAR, p.19, S/D)

A sereia marca a vida de Esther desde seus doze anos. A partir de sua iniciação na maioridade, seu *bat-mitzvá*, quando o capitão polonês a senta

sedutoramente em seus joelhos e conta-lhe a história da Pequena Sereia. O reencontro com esse ser ocorrerá mais tarde também na Casa dos Prazeres, em Paris, onde foi desvirginada e de onde carrega consigo um abajur com a imagem de uma pequena sereia que a acompanhará até o fim de seus dias. Quando passa à proprietária de um bordel, Esther dá-lhe o nome de *A Pequena Sereia*.

Metade mulher e metade peixe, a sereia é um dos mitos que habita o mar. Seu papel é o de seduzir os navegadores pela beleza do rosto e pela melodia do canto, atraindo-os para a morte no oceano. Ulisses fez-se atar ao mastro de seu navio para sobreviver e, ao mesmo tempo, experimentar a beleza do canto, ao contrário dos remadores que o acompanhavam, que, tapando os ouvidos com cera, pagaram um alto preço por sua sobrevivência: a exclusão do contato com o belo de suas vidas. Imagem híbrida, a sereia apresenta na completude de sua forma a incompletude das partes de que é feita. Cercada de um halo de ambiguidade mantida pelo fato de ser feminina, mas não ter sexo, vivendo desemparelhada de machos de sua espécie, que não existem. No romance, a sereia, segundo Berta Waldman,

Metaforiza a ambivalência cultural de Esther presa ao judaísmo tradicional e a sua vivência no âmbito de uma cultura de maioria cristã, a sua condição ambígua de emigrante e imigrante, de prostituta e mãe, mas, principalmente, sua natureza feminina, espécie de arquivo que guarda o segredo daquilo que os homens desejam nas mulheres, e que não podem alcançar para continuar desejando-as. (WALDMAN, 2003, p.182)

Prostitutas estrangeiras no Brasil: ficção e história no jogo intertextual

A literatura brasileira do século XX é amplamente protagonizada por prostitutas estrangeiras aglutinadoras do desejo masculino justamente por ocuparem o lugar esfumado da *outra*, da que veio de fora, afirma Berta Waldman (2003, p.171).

Muitas meretrizes que circulavam nas casas de tolerância e bordéis de São Paulo haviam vindo do fluxo da imigração. É curioso que, embora as raras estatísticas disponíveis registrem uma porcentagem superior de brasileiras entre as diversas nacionalidades presentes, as estrangeiras se destaquem nos relatos de memorialistas, nos romances e nas fontes oficiais. Segundo a pesquisadora Margareth Rago,

Francesas e polacas dominavam o cenário [...] É praticamente impossível afirmar a quantidade de prostitutas que vieram traficadas da Europa, principalmente das aldeias pobres da Polônia, Rússia, Áustria, Hungria e Romênia para a América do Sul. Também dificilmente saberemos quantas vieram por vontade própria ou iludidas com promessas de casamento e perspectivas estimulantes de enriquecimento. (RAGO, 1991, p.249-50)

Com a presença das prostitutas estrangeiras nas duas maiores cidades brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo, a associação do termo polaca à prostituta foi inevitável. O historiador norte americano Edward Bristow lembra ainda que a palavra *cáften* provinha etimologicamente de *caftan*, nome que originariamente designava uma vestimenta tradicional usada pelos judeus.

Nas raras estatísticas levantadas pela polícia, a porcentagem de prostitutas brasileiras em São Paulo sempre excedia a de francesas e polacas. De acordo com a pesquisa de Rago,

Em 1914, de 812 meretrizes registradas pela polícia de costumes, 303 eram brasileiras, 186 russas, 80 italianas, 52 alemãs, 50 francesas e assim por diante. Já em 1915, das 269 registradas, 181 eram brasileiras, 33 russas, 14 italianas, 13 francesas. Em 1922, das 3.529 prostitutas fichadas, 1.936 eram brasileiras, ou seja, mais da metade, enquanto 468 eram russas, 255 francesas, 245 italianas, 75 alemãs, 60 austríacas. Em 1936, em 10.008 mulheres registradas, 4.608 eram brasileiras, 576 francesas, 439 polonesas, etc. No Rio de Janeiro, em julho de 1924, registravam-se 1.683 prostitutas,

das quais 987 brasileiras e 696 estrangeiras, enquanto em 1930, as 1.866 fichadas, 1.410 eram nacionais e 456 estrangeiras, dados que sugeriam uma sensível diminuição de estrangeiras no submundo carioca. (RAGO, 1991, p.291-2)

O drama real dessas mulheres inspirou escritores, poetas e memorialistas. Durante sua passagem pelo Rio de Janeiro, entre agosto e setembro de 1936, o autor judeu Stefan Zweig escreveu em seu diário de viagem no dia 21 de agosto sobre o passeio que fez ao Mangue, após jantar com seu editor brasileiro Abraão Koogan. Um passeio comum para a intelectualidade da época e que frutificou nas pinturas de Di Cavalcanti e Lasar Segall. Escreveu Zweig:

[...] as ruas das mulheres. Essa Ioshiwara (bairro da prostituição em Tóquio) do Rio é inacreditável. Em lojas iluminadas, revestidas de verde e amarelo, as mulheres expostas como em vitrines, onde cada uma põe seu *nom de guerre*: Coonne, Leonie, Gaúcha, Paqueta – uma mistura colorida como jamais vi. Negras, escuras como o breu [...]; francesas maquiadas em blusas sumárias de cores gritantes ou *shorts* provocantes, cantam e gritam, aliciando clientes; judias da Europa do Leste prometem as mais excitantes perversidades; [...] cerca de 500 mulheres, entre jovens e desgastadas, meigas e rudes, prostradas porta a porta, como uma iluminação de todas as raças e classes, e no fundo a cama irrecusável. (ZWEIG, 1993, p.170-171)

Em Paris, as cortesãs surgem na literatura especialmente no período romântico. É fato que a figura da prostituta retratada nos livros de ficção ao longo dos anos gerou polêmica entre os estudiosos. Segundo a pesquisadora Laure Adler, em *Os bordéis franceses*, ao contrário do que pensam alguns romancistas,

[...] a prostituição não é pois um destino, tampouco constitui uma tara hereditária, como afirmam os criminologistas. Aparece

menos ainda como um vício, uma doença moral, conforme gostaria de fazer crer um bom número de moralistas. Mas, no fundo, o que é a prostituição, então? A questão é tão espinhosa que as tentativas para defini-la serão múltiplas e, algumas vezes, contraditórias. (ADLER, 1991, p.13)

A prostituta, a Bíblia Hebraica e outras fontes

Num ensaio sobre os devaneios etimológicos em torno da prostituta, Eliane Robert Moraes afirma que “além de nomear a profissão mais antiga do mundo”, a palavra *prostituta* pode causar uma certa surpresa diante da suposição de que ela remonta também à própria origem das línguas. É, no entanto, o que sugere uma de suas etimologias mais curiosas ao lhe atribuir à mesma raiz latina da palavra poço. Tal sugestão, segundo a pesquisadora, encontra-se num anônimo *Dicionário do Amor*, publicado na França em 1927, que estabelece relações entre os dois termos tendo em vista sua possível derivação de *putagium* ou *putens*, “uma vez que, outrora, os poços eram lugares de encontro de moças em busca de aventuras amorosas” (MORAES, 2012, p.38). Segundo o mesmo verbete, seria esse o sentido implícito da antiga expressão *poço de amor*, provável denominação original do que mais tarde viria a se chamar *corte de amor*, evocando a acepção corrente de *fazer a corte*.

E sobre os confins onde se esconde o poço original, escreve Moraes: “lá onde livres de toda interdição, a menina pode se consagrar por inteiro ao sexo – e a prostituta à filosofia” (2012, p.48). Tal frase nos remete a outro desafio que é investigar esse *poço*, esse mundo à margem e excluído, a repetição e a diferença entre as personagens prostitutas e o espaço ocupado por elas no cânone sagrado e no cânone literário brasileiro.

Essa simbologia do *poço* vem desde os primórdios da humanidade e nos remete às personagens da Bíblia Hebraica. Na narrativa bíblica, as mulheres tinham a função de retirar a água do poço e, nessa hora, quase sempre ao final da tarde, com a chegada do crepúsculo, é que elas saíam de casa. O poço geralmente ficava fora das cidades. Nessa caminhada, muitas eram seguidas e cortejadas pelos homens solteiros justamente em volta do poço. No buraco

fértil onde brota a água nos deparamos com um importante momento da ambiguidade da narrativa bíblica. Sagrado e profano se confundem, dialogam e trazem à luz um rico manancial de subjetividades.

Foi no poço que o servo Eliézer, a pedido de Abraão, encontrou Rebeca, a mulher que depois se casaria com Isaac e seria mãe de Jacó, o patriarca do povo de Israel. Vejamos essa passagem:

A jovem era muito bela; era virgem, nenhum homem dela se aproximara. Ela desceu à fonte, encheu seu cântaro e subiu. O servo correu para diante dela e disse: “Por favor, deixa-me beber um pouco da água do seu cântaro”. Ela respondeu: “bebe, meu senhor”, e abaixou depressa o seu cântaro sobre o braço e o fez beber. Quando acabou de lhe dar de beber, ela disse: “Vou dar de beber também a teus camelos até que fiquem saciados”. Apressou-se em esvaziar seu cântaro no bebedouro, correu ao poço para tirar água e tirou-a para todos os camelos. O homem a observava em silêncio. (Gn 24, 1-21)

O poço, e toda a simbologia que ele traz aparelhada, é um desafio a ser desvendado. É um diálogo passível de ser estabelecido tanto com a origem etimológica da palavra prostituta, quanto com as várias formas de representação da figura da prostituta na literatura desde a narrativa bíblica. Merecem análise Tamar, Raabe, Jezebel e a mulher descrita por Salomão em Provérbios:

[...] eis que uma mulher dele se aproxima, exposta como uma prostituta, com um coração perverso. Ela é alvoroçada e loquaz e seus pés pisam muito pouco o chão de sua casa. Às vezes circula pelas ruas, outra pelas praças emboscando-se em cada canto. Ela o atrai e o beija; de forma impudente lhe diz: [...] vem e nos fartamos de amor até amanhecer. (Pv 7, 10-8)

Já os livros de Judite, Rute e Ester, são os únicos do cânone que apresentam mulheres como protagonistas. No percurso passional de Judite,

por exemplo, a sedução era uma armadilha contra o inimigo: “tomou banho, passou perfume caro, penteou os cabelos... [...] e enfeitou-se com braceletes, colares, anéis, brincos e todas as suas joias. Ficou belíssima, capaz de seduzir os homens que a vissem” (Jt 10, 30-52).

Assim Judite usará seu poder de sedução física e intelectual para manipular o general Holofernes. Linda e atraente, deixando pasmos os que a veem, Judite deixou a cidade e se dirigiu ao acampamento dos assírios. Disse às sentinelas que era uma hebreia fugindo de seu povo para levar informações ao general Holofernes, a fim de indicar-lhe “o modo de conquistar toda a serra, sem arriscar um só de seus homens” (Jt 10,13). Escoltada por cem homens, ela foi levada ao general, “que estava descansando em sua cama, debaixo de um mosquiteiro de púrpura, bordado a ouro e recamado com esmeraldas e pedras preciosas” (Jt 10, 21).

Ele a interrogou e ouviu palavras de manipulação intelectual, em que o jogo da sedução se define por apresentar ao sujeito manipulado uma imagem idealizada de sua capacidade de ação.

Essa noite não vou dizer mentira nenhuma. Se o senhor seguir os conselhos desta sua serva, Deus o ajudará em sua campanha e seus planos não falharão. Viva Nabucodonosor, rei de toda terra, que enviou o senhor para colocar todos em ordem. Viva o poder [...] nossa gente não sofrerá castigo, nem as armas poderão submetê-la, a não ser que ela cometa pecado contra Deus. Agora, para que o meu senhor não fique decepcionado e de mãos vazias, saiba que a morte cairá sobre eles, porque são réus de um pecado com que irritam seu Deus toda vez que o cometem [...] Eu guiarei o senhor através da Judeia, até chegar a Jerusalém e colocarei seu trono bem no meio da cidade. (Jt 11, 5-7; 10-11, 19)

Temos, assim, nas palavras de uma mulher sedutora, um discurso dos mais bem construídos na Bíblia Hebraica, principalmente porque se trata de uma argumentação falsa que deveria parecer verdadeira, exatamente o que a

semiótica chama de *discurso veridictório* (2009. p.174), aquele que é construído para persuadir o enunciatário, como aponta Mariza B. T. Mendes.

Holofernes, seduzido pela beleza e persuadido pelas palavras de Judite, acolheu-a com todas as honras, confiando plenamente em seus planos de informante sábia – traidora do povo judeu –, mas conduzida por Deus. Durante três dias, enquanto o general assírio esperava a oportunidade de aproveitar-se de sua beleza, ela ganhava a confiança dos guardas, saindo livremente dos seus aposentos para rezar. No quarto dia, o general convidou-a para seu banquete pessoal, em que ela se apresentou com as melhores roupas e joias: “Holofernes ficou arrebatado, e a paixão o agitou com o desejo violento de se unir a ela” (Jt 12,16). Judite fingiu que comia e bebia à vontade e, no final, todos se retiraram, deixando-lhe o caminho livre e o general “caído na cama, completamente embriagado”. Ela rezou, pedindo forças para cumprir seu plano de traição:

Então Judite se aproximou da coluna da cama, que ficava junto à cabeça de Holofernes, e pegou a espada dele. Depois chegou perto da cama, agarrou a cabeleira de Holofernes e pediu: “Dá-me força agora, Senhor Deus de Israel!” E com toda força, deu dois golpes no pescoço de Holofernes e lhe cortou a cabeça. Rolou o corpo do leito e tirou o mosquito das colunas. Depois saiu, entregou a cabeça de Holofernes para a serva, que colocou na sacola de alimentos. E saíram juntas, como de costume, para rezar. (Jt 13, 6-10)

Ao chegar a Betúlia com o troféu, Judite convidou todos para louvar Javé Deus, que não negara sua misericórdia à casa de Israel. Depois de afirmar que sua beleza seduzira o inimigo, mas sua honra continuava intacta, ela pediu que pendurassem a cabeça do general no parapeito da muralha e apresentou seu plano de guerra. No final, a vitória dos hebreus se concretizou. O povo festejou por três meses e Judite, mesmo com muitos pretendentes, não se casou novamente e voltou à vida de antes, confirmando o tema da mulher *simplesmente guerreira*, embora fosse bela e sedutora.

Já Rute e Esther foram mais além quando recorreram ao poder da sedução feminina. Elas usaram o próprio corpo para conquistar os homens que podiam lhes garantir um futuro mais seguro e poderoso. Rute seguiu os conselhos da sogra, Noemi, para conquistar Booz, um homem muito rico, pertencente a um clã importante, parente distante de Noemi:

“Esta noite ele vai bater a cevada no terreiro. Faça o seguinte: tome banho, perfume-se, vista seu manto e vá ao terreiro. Não deixe que ele veja você, antes que tenha acabado de comer e beber. Quando ele for dormir, olhe bem onde ele se deita. Depois, vá, tire a cobertura dos pés dele e deite-se. Ele dirá o que você deve fazer”. Rute respondeu: “Vou fazer tudo que você está me dizendo”. (Rt 3, 2-5)

Rute conseguiu conquistar Booz, casar-se com ele e ter um filho: Obed, pai de Jessé que foi pai de Davi, rei de Israel. Esther também tornou-se rainha depois de seduzir fisicamente e conquistar o rei Assuero, da Pérsia. Movida pelo desejo de salvar o seu povo, a hebreia não hesitou ao ter de praticar toda sua capacidade de sedução feminina para se casar com o monarca e tê-lo completamente a seus pés.

Conforme o regulamento das mulheres, cada moça se preparava durante doze meses para se apresentar ao rei Assuero. Este era o prazo para o tratamento de beleza: seis meses à base de óleo de mirra e outros seis meses com vários bálsamos e cremes. Quando chegava o tempo de apresentar-se ao rei, a jovem recebia tudo o que quisesse levar do harém para o palácio real. Entrava no palácio real à tarde, na manhã seguinte passava para um segundo harém, confiado a Sasagaz, eunuco real encarregado das concubinas. Ela não voltava mais para junto do rei, a não ser que o rei a desejasse e a chamasse pelo nome. (Est 2, 12-14)

Esther encantou Assuero e foi chamada novamente por ele, tornando-se rainha da Pérsia. Dessa forma, ela conquistou o seu grande objetivo: proteger

o povo judeu. Sempre que era preciso ao rei tomar alguma decisão política para ajudar o seu povo, Esther recorria ao seu poder de sedução, usando de sua beleza física e de seu talento sexual para, assim, manipular o homem com o qual ela fez sexo antes do casamento e com o qual também não se casou por amor, mas, principalmente, por interesse político.

Na narrativa bíblica ou nos romances de Balzac e Scliar, a sedução se repete e se cristaliza como o grande poder feminino ao longo da história da humanidade. Seduzir (do latim *seducere*) quer dizer, literalmente, *levar para o lado, desviar do caminho*. Vestidas com palavras e, na maioria das vezes, despidas por elas, essas personagens não poderiam habitar lugar mais adequado. Segundo Leyla Perrone-Moisés, “a linguagem não é só meio de sedução, é o próprio lugar da sedução. Nela, o processo de sedução tem seu começo, meio e fim” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p.13).

Três Esther, três mulheres transgressoras de origem judaica portadoras de um nome que em hebraico significa estrela; estamos, portanto, diante de um nome-mundo intocável a ser desvendado, predominantemente feminino, sedutor e, sem dúvida, especialmente marcado por toda simbologia que carrega.

Referências

ADLER, Laure. *Os bordéis franceses*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Companhia das Letras, 2007.

BALZAC, Honoré. *Esplendores e misérias das cortesãs*. São Paulo: Globo, 1990.

BALZAC, Honoré. *Esplendores e misérias das cortesãs*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

_____. *A Mulher de trinta anos*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

CORBIN, Alain. *Les Filles de noce*. Paris: Ed.Champs Histoire, 2010.

MACZKA, Eva. La Belle Juive dans la *Comédie Humaine* d'Honoré de Balzac. Ambivalences d'une représentation. *Revista Eletrônica de Estudos Literários da Universidade de Lyon 2*, 2012.

MENDES, Mariza B. T. *No princípio era o poder – uma análise semiótica das paixões no discurso do Antigo Testamento*. São Paulo: Annablume, 2009.

MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivainha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. São Paulo: Paz e terra, 1991.

SCLIAR, Moacyr . *O ciclo das águas*. São Paulo: Círculo do livro, S/D.

TAILLANDIER, François. Balzac. Porto Alegre: Editora L&PM, 2009.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: prostitutas estrangeiras na literatura brasileira do século XX*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

ZWEIG, Stefan. Viagem ao Brasil e a Argentina. In: _____. *Amok e xadrez*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.